Ano XII ••• Nº 355 ••• Uberaba/MG ••• Dezembro de 2009

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

História de Vida
Toninho aguarda cirurgias e pretende voltar ao Calçadão

03

No limite
Profissionais da Saúde denunciam descaso, enquanto pacientes sofrem na fila

04

Responsabilidade Social
Universidade promove ação comunitária no bairro Elza Amuí

11

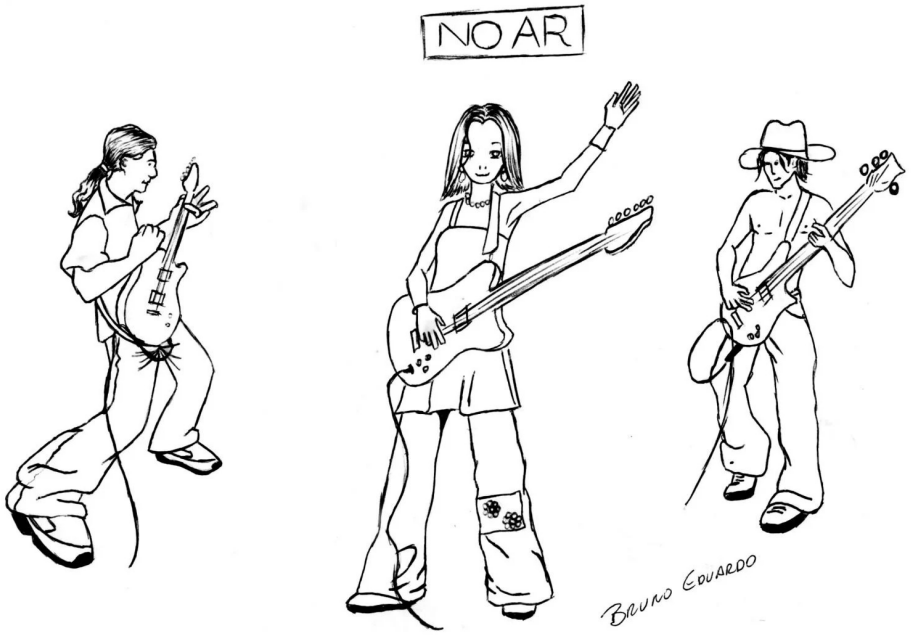
Intimidade feminina que não ousa dizer o nome

Em pleno século 21, auto-erotismo das mulheres ainda é tabu

issuu-downloader.com

Uberaba é *pop*?

Danilo Lima
4º período de Jornalismo



As cidades interioranas, como Uberaba, têm historicamente, uma relação profunda com a música raiz. É um cinturão sertanejo, algo como o estado do Texas, nos Estados Unidos, que é o coração *cowntry* daquele país.

Aqui em Uberaba, alguns aspectos desta cultura merecem ser observados. A população ouve somente este tipo de música ou está disposta a cultuar outros ritmos e estilos por meio das rádios FM? Será que somente os jovens gostam do chamado *pop*? Aliás, o que é ser *pop* musicalmente falando?

Bem, começando pela perspectiva local, as principais rádios da cidade (Zebu, Sete Colinas, Supersom) divulgam diferentes gêneros de música e para todos os públicos.

A Zebu tem uma ligação com a música raiz aprofundada. Historicamente, sempre tocou canções de Pena Branca e Xavantinho, Tião Carreiro e Pardinho, dentre outros artistas que, em suas canções, promovem a vida campestre. É a relação com o que é realmente rural e que somente o interiorano entende.

Já a Supersom toca o sertanejo mais popular, o que rola pelo país afora. Artistas como Zezé di Camargo e Luciano, Chitãozinho e Xororó, com o passar dos anos, ainda são destaques em sua programação, apesar do sertanejo moderno (universitário) das duplas João Neto e Frederico, Jorge e Matheus. É um sertanejo apaixonado, quase um lado brega do estilo que ainda resiste ao internacional.

A relação mais curiosa com a cultura do sertão é a da Sete Colinas. A rádio se especializou na execução de grandes nomes do cenário *pop* internacional e nacional, como a banda Nxzero e a diva Madonna. Sempre resistiu em tocar músicas sertanejas e, em seus comerciais, frisava: "A rádio *pop* de Uberaba". Mas, ultimamente, a Sete se empenha em tocar a música sertaneja e dar vez a artistas de gosto duvidoso, como banda Calypso e Dejavu. Fica a pergunta: Por que tal mudança? Será que o público acostumado com o antigo estilo aceitou bem a inovação?

Em seu *Twitter*, o DJ Tubarão, o mais popular da rádio, explicou que a mudança de estilo foi sugerida pela diretoria da rádio. "Existem coisas piores por aí!", exclamou ele.

Uma das explicações é a volta da rádio Jovem Pan, que recentemente ganhou a sintonia dos uberabenses. Número um em audiência em todo o país, a rádio é especialista no verdadeiro *pop* mundial, toca Beyonce, Madonna, e a extravagante Lady Gaga, artista mais comentada do momento no cenário musical internacional.

Percebe-se em sua programação, um estilo voltado mais para a transformação da música em comércio, já que executa apenas os *hits* "estourados" em todo o mundo. A música brasileira tem espaço razoável na programação, mas somente os artistas tarimbados têm espaço garantido.

Perguntando para alguns sobre o que é ser *pop*, a resposta é: *pop* vem da palavra popular, artistas de todos os estilos, sejam eles sertanejos ou até *techno-bregas*. Será que até estes caíram da mesma forma no gosto popular?

Outros respondem: "Ser *pop* é uma questão de estilo, conceito!". Por este ângulo, alguns artistas não se encaixam.

A simples execução de suas músicas não quer dizer que são realmente *pop*. Ainda é necessário que se enquadrem em alguns aspectos (roupas, modo de vida, seus *shows*).

Parece que, na verdade, almejam o *pop*. É um degrau a mais que se alcança na escadaria da audiência. Ser considerado *pop* é garantia de *status*.

Percebe-se que as rádios e, fundamentalmente, os ouvintes da cidade estão no processo de descoberta desta cultura, de fácil absorção para alguns (na maioria jovens) e de maior resistência para outros (os mais fiéis à cultura rural e que acham isso uma invasão estrangeira à "nossa" música).

Parece uma invasão realmente, mas é inerente aos desejos locais, já que o mundo globalizado está aí e o cenário musical não poderia fugir desta realidade.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva (6º período/Jornalismo), Jr. Rodran (3º período/Publicidade e Propaganda), Bruno Nakamura (6º Período/Publicidade e Propaganda) ••• **Estagiária:** Daiane Leal Gomes (7º período/Jornalismo) ••• **Equipe:** Júlia Magalhães (2º período/Jornalismo) ••• **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

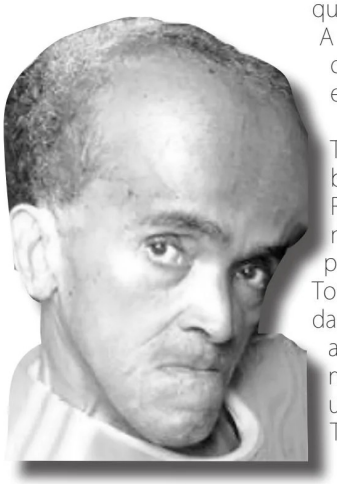
Saudades do Calçadão

Devido à doença, Toninho está impossibilitado de voltar ao lugar que tanto ama

Alex Batista Rocha
4º período de Jornalismo

É na simples casa verde na Rua Montes Claros, bairro Abadia, que Luís Antônio Martins, o Toninho Cabeção, passa os dias ansioso para voltar ao lugar que mais ama: o Calçadão de Uberaba.

Sob os cuidados da irmã Maria Célia, chamada carinhosamente de 'mãezinha', o senhor de 69 anos passa o dia em um berço, driblando, com humor e fé, as dificuldades provenientes da paralisia infantil, hidrocefalia (acúmulo de água no cérebro), infecção renal e as enfermidades diagnosticadas recentemente: bexigoma (aumento da bexiga por acúmulo de urina) e hiperplasia prostática (aumento do volume da próstata).



Toninho canta, improvisa versos apaixonados, sonha em ir ao programa do Gugu e se diverte com as crianças que sempre estão pela casa.

A alegria vira tristeza quando o assunto é o local que ele freqüenta desde 1966.

Naquela época, a mãe, Tereza Vieira de Jesus, trabalhava na extinta Pensão Ribeiro e levava o filho no carrinho para tê-lo por perto. No Calçadão, Toninho conseguia ajuda das pessoas e conquistava amigos. Um deles é Jaime Tomé, funcionário de uma farmácia que tinha Toninho como vizinho.

Jaime relembra orgulhoso da energia que Toninho transmitia e diz não ter se acostumado com a ausência de quatro meses do amigo. "Eu faço o café na Drogasil toda manhã e, por condicionamento, eu ainda vou até a porta para levar um copo para ele."

Alex Batista

Toninho reza enquanto espera ser chamado para fazer cirurgias na próstata e na bexiga

Maria Célia conta que depois de perder a mãe, o irmão ia para o Calçadão, de perua, toda manhã, com um amigo da família. Ela levava almoço e o buscava no fim do dia. O inquieto Toninho interrompe e lamenta: "Tem dia que eu fico com muita vontade de ir, mas a gente vai e tem que voltar na mesma hora".

A aposentadoria de Toninho, somada à renda da família de seis pessoas, não permite a alimentação equilibrada e os cuidados devidos. Maria Célia fala que recebe bastante ajuda, mas que Toninho ainda carece de alimentos e produtos de higiene.

Esperançoso, o personagem do Calçadão aguarda os resultados de exames para ser internado e realizar as cirurgias na próstata e bexiga e então, quem sabe, voltar para o local que ele diz ser a única coisa que se compara ao amor que tem pela 'mãezinha'.

PARA AJUDAR:

RUA MONTES CLAROS, N° 372
(34) 3336 7853
BANCO DO BRASIL
AGÊNCIA 0015-9, CONTA 9802-7.

issuu-downloader.com

Cortes na Saúde podem fechar UPA do bairro Abadia

O Conselho Municipal de Saúde conhece os argumentos apresentados pela prefeitura para o fechamento, principalmente do pronto atendimento, embora o executivo afirme que "não há nada oficial". Uma funcionária abre o jogo e fala da falta de medicamentos ao descumprimento da escala de trabalho. A população aguarda atendimento na fila e teme o fechamento.

Thiago Ferreira
4º período de Jornalismo

Quem chega à Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do bairro Abadia logo se depara com dezenas de pessoas esperando atendimento médico. Douglas Vinícius estava na fila com suspeita de envenamento acidental. "Se fechar essa unidade, todos que estão aqui vão para o bairro São Benedito. Com certeza, lá não terá capacidade para atender tanta gente".

No prédio recém reformado e ampliado para atender urgência e emergência já é possível ver o desgaste e os sinais de pouca manutenção. São infiltrações, mofo nas paredes e no teto, faltam lâmpadas e tomadas, que deixam à mostra fios energizados. A falta de medicamentos e equipamentos básicos para o atendimento médico também é realidade.

"Sempre falta alguma coisa", fala uma funcionária da UPA Abadia que concedeu entrevista ao Jornal Revelação, com a condição de manter sua identidade preservada. Fomos até a residência dela para uma conversa que durou mais de uma hora. Ela revelou as condições de trabalho na unidade. Segundo a funcionária, faltam soros, remédios, sondas, aferidores de pressão arterial, estetoscópio, otoscópio (aparelho para visualização no interior do ouvido) e diversas medicações intravenosas. "No setor de Odontologia, faltam anestesia e sugadores de saliva. O atendimento só é feito após as 19h e nos finais de semana". Conforme a escala, os dentistas deveriam prestar atendimento todos os dias.

> "Fechar o UPA Abadia é dar um tiro na cabeça

Ela conta ainda que o atendimento é dividido em, pronto atendimento, "PA" como é conhecido entre os funcionários, e ala Pediátrica. Conforme a entrevistada, os atendimentos de urgência e emergência são tantos que pacientes acabam sendo atendidos na ala da pediatria. Os médicos da emergência são dois, no máximo, diferente do que prevê a escala de trabalho, que contempla cinco profissionais por plantão. "Por isso é comum ver pessoas que chegam às 7h da manhã sendo atendidas só ao meio dia".

Diante do caos, o vice-presidente do Conselho Municipal de Saúde, Jurandir Ferreira, confirma a intenção da Secretaria de Municipal de fechar a UPA do bairro Abadia. Ele explica que a proposta de reformulação do atendimento da unidade foi levada informalmente em uma reunião, pelo secretário Waldemar Hial, mas foi rejeitada. Em 24 de outubro foi protocolado na Câmara Municipal de Uberaba um documento que relata as dificuldades enfrentadas pelos usuários do SUS.

Encabeça a lista dos 11 itens citados a intenção de fechar o pronto socorro do bairro Abadia, deixando somente o atendimento ambulatorial. Os outros itens listados são o fechamento de sedes do Programa Saúde da Família, a desativação da equipe de manutenção das unidades de saúde, a redução no horário de atendimento nos NASF (Núcleo de Apoio a Saúde da Família) e nas farmácias do município, a diminuição do número de atendimentos de fisioterapia feito pela Uniube por meio de convênio.

Jurandir Ferreira explica que cortes estão sendo feitos em todas as áreas da saúde. Segundo ele, a afirmação dos líderes do executivo é de que o atendimento realizado é, em grande parte, ambulatorial. Ferreira concorda, mas reforça que os motivos são a falta de médicos nas unidades matriciais e do acompanhamento do Programas Saúdes da Família. "Não há o médico perto da sua casa, não há um acompanhamento regular. É lógico que se

Thiago Ferreira

Conforme o Conselho Municipal, os cortes estão sendo feitos em todas as áreas da Saúde

issuu-downloader.com

corre para o Pronto Socorro. Fechar o UPA Abadia é dar um tiro na cabeça", enfatiza o conselheiro.

Para ele, não há uma justificativa plausível para o atendimento apenas ambulatorial no bairro Abadia. Jurandir encara como uma medida apenas de redução de gastos. "Tenho que lembrar que o SUS não é de graça. O cidadão paga por ele". Uberaba, de acordo com o conselheiro, tem porte para dois postos para atendimento de urgência e emergência. Tramita no Ministério da Saúde a parceria para a construção de mais uma UPA na cidade, custeada pelos governos federal, estadual e municipal, mas Jurandir chama atenção para outro ponto importante: "Construir um prédio e mobiliar com equipamentos hospitalares é fácil; o difícil e caro é manter o funcionamento desse prédio com médicos especialistas, enfermeiros e técnicos administrativos".

Procuramos o secretário municipal de Saúde, mas ele preferiu que a reportagem fosse atendida pela Assessoria de Imprensa. Fomos informados que não há nada oficial com relação ao fechamento da UPA Abadia. O assessor Márcio Gennari frisou que a Saúde no município passa por análise constante e que foi ventilada uma hipótese para o fechamento da unidade, mas que está descartada.

Os vereadores da Câmara Municipal de Uberaba, no dia 12 de novembro, discutiram a questão. Itamar Resende disse que o fechamento iria sobrecarregar a UPA São Benedito e questionou os argumentos para a suspensão do pronto atendimento. O presidente da Câmara de Uberaba, Lourival dos Santos, disse à reportagem do Jornal Revelação que serviços de utilidade pública não podem ser fechados. "Hoje sabemos que a Saúde de Uberaba é de extrema carência. É o momento para se abrir novas unidades e não fechar as já existentes", exclamou.

Recentemente, o universitário Cassiano Matheus precisou dos serviços de Pronto Atendimento. Devido a uma infecção estomacal, o estudante sofreu com a superlotação e a falta de quatro medicamentos nas unidades de saúde. "É um absurdo fechar um posto de saúde de urgência e emergência. Os dois que temos na cidade já não dão conta da demanda".

Thiago Ferreira

À espera de atendimento, os pacientes convivem com os problemas de infraestrutura, como infiltrações

No limite do estresse

Pacientes do Hospital Escola reclamam da demora no atendimento

Nathália Alberto
4º período de Jornalismo

Vera Lúcia da Silva, de 56 anos, é aposentada, mas ainda trabalha das 18h às 7h no bar do seu filho. Ela ainda ajuda a cuidar da neta de quatro anos, além de ser responsável pela arrumação da casa em que mora com mais três pessoas. Há 11 anos, Vera descobriu que tem um problema nos dois joelhos e enfrentou cirurgias no Hospital Escola. "Uma vez por semana, tenho que vir aqui. Perco meu dia até ser atendida e conseguir ir embora. Não dá tempo de fazer mais nada. Fico o dia inteiro estressada e o pior é que só vai acumulando serviço pro dia seguinte".

Enquanto conversamos, uma discussão começa no balcão de informações no hospital. A demora no atendimento é a principal reclamação.

Rosária dos Campos Reis está irritada. O marido fez uma cirurgia no Hospital e retornou para checar os pontos e a cicatrização. "Estou aqui há mais de três horas. Isso é absurdo. Tenho um monte de coisa para resolver e não posso ficar à disposição deles. Se o médico não tem horário, eu tenho!", reclama.

Matheus Barros

Há pacientes que afirmam ficar na fila por três horas

Dona Vera conhece a rotina e se solidariza. "Aqui, só tem esse defeito. Você é muito bem atendido só que demora! Quando marcam comigo às 8h, já nem dou ouvidos. Chego às 6h da manhã, de qualquer jeito", diz ela.

O complexo do Hospital Escola é constituído por 242 leitos conveniados, um Pronto-Socorro Adulto, um Pronto Socorro Pediátrico, três Ambulatórios, um Centro de Reabilitação, uma CTI modelar, centralizada com a mais moderna arquitetura e aparelhagem de Uberaba.

Segundo a assessoria de imprensa, a demora ocorre em função da demanda que é bem maior do que a capacidade. Conforme levantamento, são atendidos, em média, 30 mil pacientes por mês, oriundos de mais de 400 municípios de Minas Gerais, Norte de São Paulo, Sul de Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e outros 14 estados.

issuu-downloader.com

Casa Danielle pede socorro

A entidade que sobrevive de doações, precisa arrecadar fundos para construir sua sede própria até 2010

Samara Cândido
4º período de Jornalismo

Há nove anos, a Casa de Apoio Danielle funciona em um imóvel alugado, próximo ao Hospital Doutor Hélio Angotti, no centro de Uberaba. Pela primeira vez, a entidade filantrópica tem a oportunidade de se livrar das despesas de locação e melhorar as condições de atendimento. Atualmente, a casa paga R$ 750 de aluguel por mês, além de um salário e meio para cada um dos três funcionários.

No ano passado, a prefeitura municipal doou um terreno de mais de 1800m2, no bairro Vila Militar, para que o novo prédio seja construído. O prazo para a construção é de dois anos, ou seja, termina no final de 2010. A lei municipal de doação de área prevê dois anos de prazo para que as instituições concluam suas obras. Descumprido esse tempo, o terreno volta a pertencer ao município. De acordo com a prefeitura, há exceções, mas nesses casos é necessário que o projeto passe por nova apreciação na Câmara Municipal.

Segundo a presidenta da instituição, Cecília Vendramini de Morais, várias pessoas já disseram que ajudarão, mas até agora a entidade não recebeu nada. "É importante a doação das pessoas para que consigamos construir a nova sede dentro do prazo determinado", acrescenta a presidenta.

Samara Cândido

Os acompanhantes dos pacientes em tratamento no hospital do câncer são abrigados na instituição

A casa oferece assistência aos acompanhantes de pacientes com câncer que vêm de outras cidades para fazer tratamento no Hélio Angotti. Diariamente, cerca de 70 pessoas são atendidas e recebem gratuitamente café da manhã, almoço, lanche e jantar. Dessas, 35 passam a noite na instituição.

A entidade sobrevive do repasse de verba das prefeituras de Uberaba, Brasilândia de Minas, Conceição das Alagoas, João Pinheiro e Lagoa Grande, de contribuições da comunidade e do que é arrecadado no bazar, com a venda de roupas, sapatos e acessórios que chegam como doações.

A dona de casa Sueli Maria Kay, de 49 anos, natural de Presidente Olegário e moradora do Distrito Federal há 31 anos, vem a Uberaba acompanhar o pai. Pela terceira vez, ela está hospedada na casa. "Minha nota é mil para o trabalho que eles realizam. Acho que as pessoas deveriam se mobilizar para ajudar mais, pois o trabalho não pode parar", enfatiza.

> "Várias pessoas já disseram que vão nos ajudar, mas até agora não recebemos nada

O projeto da nova sede já está pronto. Orçado em R$400 mil, terá ampla área verde, pavilhão feminino e outro masculino, contendo dois banheiros em cada quarto, refeitório, sala de reunião e até enfermaria.

As doações em dinheiro podem ser feitas na Caixa Econômica Federal, na agência 1538, conta corrente 425-4. Para mais informações ligue (34) 3314-9399 ou confira pessoalmente o trabalho na Rua Governador Valadares, 438, no Centro.

O dono da casa...

A solidariedade é a missão da Casa Danielle. O próprio nome surgiu em homenagem à filha de sua fundadora, que morreu atropelada em um acidente de carro. A moça sempre gostou de ajudar as pessoas mais necessitadas.

Sebastião Noberto de Freitas, de 73 anos, é o único "morador" da casa. Ele já era atendido pela casa quando vinha de Guaratinga para Uberaba se tratar. Depois que sua esposa faleceu, não havia mais quem cuidasse dele. Como continua o tratamento no Hospital Hélio Angotti e já era usuário da entidade, os responsáveis decidiram que ele poderia se tornar um morador. "Eu sou o guardião da casa", brinca.

Seu Sebastião possui muitas limitações. Além de câncer na próstata, tem dificuldades para enxergar e a bacia quebrada. Apesar dos problemas, se considera uma pessoa feliz. "Eu só tenho que agradecer a Deus, pelos cuidados que recebo aqui", conclui o morador.

Aos 73 anos, senhor Sebastião agradece o acolhimento

issuu-downloader.com

Os dias incertos dos camelôs

Comerciantes contam como sobrevivem às apreensões

Thiago Borges
4º período de Jornalismo

Corre-corre, esconde daqui, objetos voando pelos ares. A batida da polícia no camelódromo é sempre traumática e deixa prejuízo para os comerciantes. Mesmo o estabelecimento sendo legalizado, os 83 boxes existentes no local estão sob vigilância da polícia. Qualquer denúncia pode resultar numa batida.

O delegado da Polícia Civil, Francisco Eduardo Gouveia Mota, explica que as apreensões são feitas sempre que existe uma denúncia. Ele diz também que é difícil acabar com os produtos pirateados, já que o material é barato e os laboratórios de confecção são fora de Uberaba. "Por isso temos que fiscalizar sempre, dificultar o trabalho dos piratas".

Além da Civil, a Polícia Militar também faz operações de busca e apreensões no camelódromo, mas apenas quando há denúncia de venda de produtos ilegais no local, como DVDs, CDs e eletrônicos em geral (câmeras, rádio-relógios, aparelhos de som). Outros produtos, como roupas, calçados, brinquedos, com nota fiscal, podem ser comercializados sem nenhum problema.

Investigações de excesso de mercadorias, produtos furtados e fiscalização de rotina, são feitas pela Civil. Produtos que infrinjam a lei nº9.610, de 19 de fevereiro de 1998, de direitos autorais, são apreendidos, armazenados e, posteriormente, destruídos. Os DVDs e CDs de bandas, cantores ou jogos, são produtos que não poder vendidos, uma vez que são considerados "piratas", ou seja, falsificados e, por isso, infringem a lei.

Fotos: Thiago Borges

São mais de 80 boxes e uma infinidade de mercadorias

Não é o caso da uberabense Valda Florêncio Cunha, proprietária de um boxe no camelódromo, onde vende calçados e brinquedos, desde que o espaço foi inaugurado, em julho de 1998. Ela tem a ajuda de um sobrinho para tomar conta do estabelecimento que, segundo a comerciante, está com cerca de 30 mil reais em mercadorias. Valda assegura que não vende eletrônicos, mas explica que, ano passado, a Polícia Federal levou tudo da pequena loja, deixando-a apenas com as dívidas. "Não temos certeza de nada. Em um dia temos tudo e, no outro, não temos nada", diz Valda.

Todos os comerciantes do local estão sujeitos a batidas. No inicio deste ano, no boxe de Alexandre dos Reis Silveira, os policiais apreenderam cerca de 2 mil reais em produtos eletrônicos e DVDs. "A Federal veio aqui e levou tudo, deixou apenas as dívidas pra mim", conta Alexandra, com um sorriso sem graça. Ele tem dois filhos e paga pensão para mais um. Com falta de estoque, teve que correr atrás de mais produtos em São Paulo e no Paraguai.

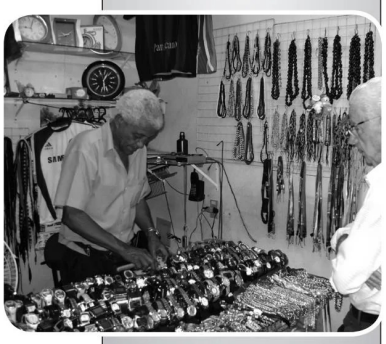
Com tantos anos de vida, João Silvério, 68, não passa mais por esses apertos com a polícia. Natural de Igarapava, possui uma banca de relógios, artigos esportivos e acessórios, bem antes da criação do Camelódromo.

Ele vendia os produtos nas praças de Uberaba, desde 1968. João se recorda do cenário. Segundo ele, era um grande aglomerado de barracas amontoadas na Arthur Machado, onde se vendia de tudo, sem lei, sem segurança. "Sou um senhor de idade. Não poderia ficar nas ruas correndo perigo até hoje. Ainda bem que construíram este local para nós comerciantes".

Com toda sua experiência, no ramo do comercio ambulante, sabe bem o que a polícia busca. Nada de sua loja foi apreendido pela PM desde que mudou para lá.

O centro popular de compras

O camelódromo de Uberaba foi inaugurado no dia 13 de julho de 1998, com o propósito de tirar os ambulantes das ruas. O centro da cidade foi escolhido para instalar os vendedores. Há uma entrada pela rua Arthur Machado e outra pela Av. Doutor Fidélis Reis. São 83 boxes, três lanchonetes e uma livraria. Os comerciantes pagam, por mês, taxa de aluguel de R$ 65 por estabelecimento. Não estão incluídas água e energia. O valor repassado para a Prefeitura Municipal é direcionado ao pagamento do guarda noturno e da faxineira do local.



João Silvério é camelô há 41 anos

issuu-downloader.com

A intimidade quer dizer seu nome

Em pleno século 21, masturbação ainda é um dos muitos aspectos pouco discutidos da sexualidade da mulher

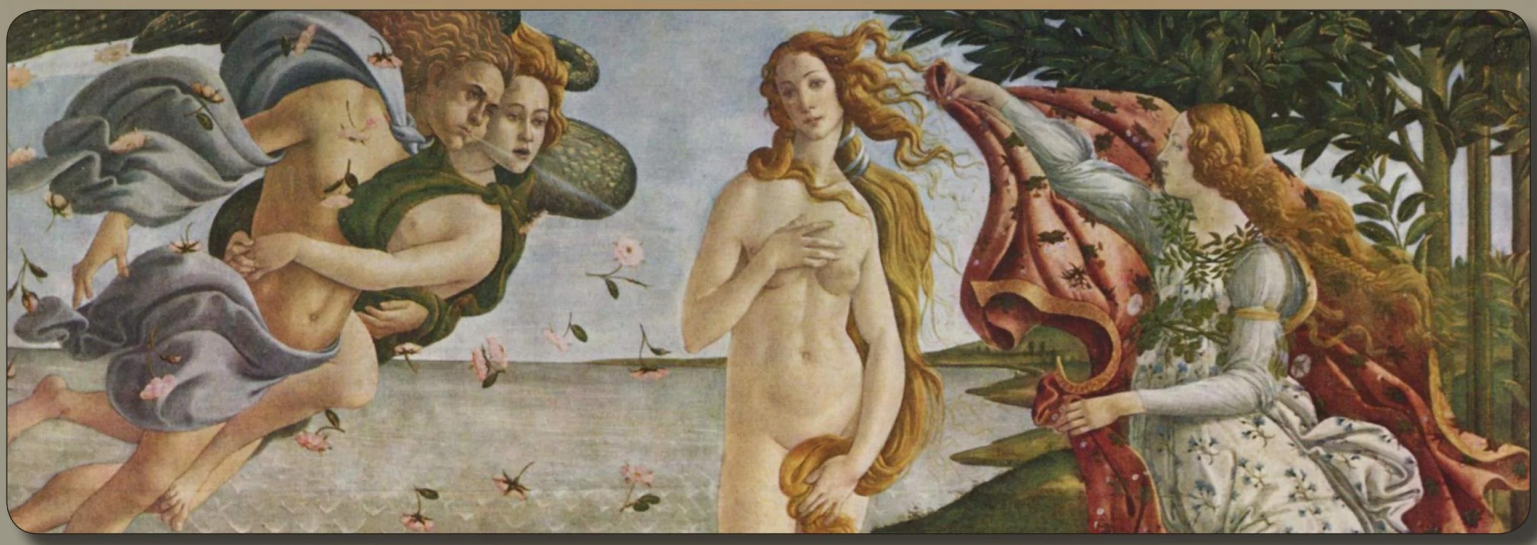
Bruno da Costa
4º período de Jornalismo

Terezinha Maria de Jesus tem 61 anos, é natural de Piunhi, cidadezinha próxima a São Roque de Minas, na Serra da Canastra, e aceitou com bastante restrição falar a respeito da masturbação. Ela diz que atualmente estas "coisas" estão mais tranquilas de serem expostas, mas, na época da juventude dela, se alguma mocinha tocasse no assunto "proibido", logo seria tachada negativamente. "Quem fazia ou falava sobre isso, era chamada de 'desavergonhada' ou 'doidivana'.

> "A religião, o perfil familiar e vários traços culturais podem causar a culpa em torno do auto-erotismo."

Doidivana é sinônimo de pessoa leviana. Para falar a verdade, qualquer assunto em torno de sexo era considerado 'pecado'. Até mesmo a curiosidade natural de saber de onde vinham os bebês podia ser punida com uma boa surra", relembra Terezinha.

A reportagem procurou números sobre a masturbação feminina em livros, revistas e internet, mas, embora haja registros que confirmem a existência da prática já em 5.000 anos antes de Cristo, nem mes-



O Nascimento de Vênus, do pintor italiano Sandro Botticelli, entre tantos aspectos, simboliza o nascimento da sexualidade feminina

issuu-downloader.com

A Menina com o Bamdolim, obra cubista de Pablo Picasso, parece desconstruir a mulher em busca de sua representação

mo organizações reconhecidas, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), divulgam pesquisas sobre o tema.

O ginecologista e sexólogo, Renato Menino, explica que muitas mulheres acima dos 50 anos não conhecem o próprio corpo e outras não praticam a masturbação. "A religião, o perfil familiar e vários traços culturais podem causar a culpa em torno do auto-erotismo. Isso afeta diretamente o ato da masturbação. As mais jovens permitem viver melhor este fator, pois conhecem e gostam do seu corpo com mais facilidade, menor timidez ou culpa", revela o profissional.

No dicionário, masturbação significa a estimulação dos próprios genitais usando as mãos e dedos ou com o auxílio de objetos, podendo ser realizada pela própria pessoa ou pelo parceiro. A maioria das pessoas se masturba durantepraticamente toda a vida.

Fernanda Cristina é estudante de Enfermagem, tem 25 anos e conta que para ela é mais fácil falar sobre o assunto com o namorado, do que com as amigas. "Entre nós, mulheres, não existe este tipo de diálogo, por mais próximas que sejamos. É uma coisa muito íntima, aliás, considero o auge da minha intimidade", esclarece.

O sexólogo complementa: "Entre as mulheres é mais fácil ocorrer o diálogo sobre as relações sexuais, do que sobre a masturbação em si. O tabu realmente existe", complementa.

A prática da masturbação é mais intensa na infância, na adolescência e na idade avançada. Segundo o especialista, são períodos da vida nos quais a pessoa não tem parceiro sexual. Há registros de crianças que se masturbam com menos de três anos como forma de descoberta do próprio corpo.

Para Bruna, de 15 anos, o assunto é tratado com tranquilidade. "Acho que as meninas da minha idade são mais sossegadas para se abrirem sobre masturbação. Nós falamos quando descobrimos e como fazemos. Claro que existem as quietinhas que 'ficam na delas', só escutando. Mas eu vejo as virgens falando mais disso, do que as que não são", opina a estudante do primeiro colegial.

Bruno da Costa

O sexólogo Renato Menino afirma que muitas mulheres não conhecem o próprio corpo

> "Depois que comprei o vibrador descobri que ele não substitui a relação sexual, mas me deixa mais satisfeita."

O sexólogo Renato Menino esclarece que o desejo sexual aparece mais aflorado na puberdade à medida em que as transformações hormonais e químicas do organismo acontecem. "Nesse sentido, a masturbação é a manifestação da sexualidade, mas algo essencialmente biológico".

Atualmente, Terezinha pensa que a masturbação "não é só coisa de doidivana". A diarista soube da prática por meio de revistas e, há alguns anos, adquiriu um vibrador. Os motivos que definiram pelo uso da máquina são considerados por ela bastante relevantes. "A maioria dos parceiros sexuais da minha idade não usa camisinha. Me preocupo bastante com minha saúde. Não quero pegar uma doença por causa de sexo. Depois que comprei o vibrador, descobri que ele não substitui a relação sexual, mas me deixa mais satisfeita", desabafa a personagem que casou virgem, aos 26 anos.

O médico faz questão de enfatizar que a masturbação é acima de tudo "sexo consigo mesmo" e, por isso, um "um presente, um ato de carinho dado a si". Renato explica que a prática ensina a mulher a conhecer o próprio corpo e, nesse sentido, define o que gosta e o que não gosta. "Dentre os vários aspectos, a masturbação facilita a vida sexual com outra pessoa, pois a mulher aprende a estar satisfeita consigo mesmo. A masturbação é considerada uma importante etapa, inclusive, nos tratamentos sexuais", conclui o profissional.

Não faltam exemplos da prática do sexo solitário na pré-história. Há estátuas e bastões fálicos talhados em madeira ou em pedra. Uma das estátuas de Malta mostra uma mulher se masturbando de pernas abertas, por volta de 4 mil anos antes de Cristo.
Fonte: Revista Mundo Estranho

issuu-downloader.com

Parada para hétero ver

Politizada e colorida, a 4ª edição da Parada GLBT de Uberaba dá um passo importante para o combate à homofobia

Kelle Oliveira
4º período de Jornalismo

Enquanto eu permanecia parada perto da calçada, uma mulher passou por mim e eis que um pote de glitter foi completamente esvaziado no meu rosto, cabelo e bolsa. Ana Elisa de Medeiros, 25, minha algoz, estava pulando em uma espécie de dança que misturava samba e lambada e continuava arremessando glitter por todos os lados. Quando finalmente parou para podermos conversar, a pele estava suada. Ela custava a respirar e então, sucumbindo ao calor, sentamos - nos meio-fio. Elisa, como é chamada, é estudante de design de interiores e está noiva desde agosto desse ano. "É claro que Rodrigo não tem ciúmes, mas ele também não gosta de me acompanhar", conta. Vestida com uma regata cinza, bermuda tênis e uma peruca rosa, a estudante trazia no pulso uma pulseira que misturava as cores amarelo, verde, azul, laranja, violeta e vermelha. O arco-íris. "Eu amo isso aqui! As pessoas tão livres, tão malucas. Para mim, é um grito contra o preconceito", afirma Elisa.

A Parada Gay foi encerrada com a apresentação de *drag queens*

A 4ª Parada do Orgulho GLBT – Gays, lésbicas, bissexuais e transsexuais – foi realizada no dia 15 de novembro, de uma forma que, embora todos os transformistas e seus glitters tenham chamado a atenção, o cunho social foi evidenciado. "A alegria é fundamental, mas, vir à Parada, para mim, significa que não concordo com a discriminação", fala Andreza Carla de Souza, segurando a filha pela mão. "Meu Marido não esteve comigo no ano passado, mas, dessa vez consegui trazer todo mundo. Pelo menos lá em casa venci o preconceito", afirma, descontraída.

O crescimento do público feminino, jovem e heterossexual, na Parada Gay de Uberaba, tem se firmado como tendência irreversível. Para o coordenador do evento, Maurício Moura, o tom pacífico da manifestação é uma das maiores motivações que levam pessoas como Eliza e Andreza a correrem atrás do trio. "É muito interessante, pois, os pais levam os filhos e casais hétero desfilam de mãos dadas. Acho que a alegria vai atingindo toda a família e fica mais contagiante do que as diferenças", observa o coordenador.

Arquivo Jornal da Manhã Fernanda Borges

A polícia militar estima que cerca de 45 mil pessoas participaram do evento

Em pesquisa realizada para Associação de Parada de Orgulho Gay, a antropóloga Regina Facchini, autora do livro Na trilha do Arco-Íris: do movimento homossexual ao GLBT, apresentou resultados que mostram que 50% do público hétero que comparece ao evento apresenta justificativas lúdicas, baseadas na alegria, nas brincadeiras e na festa.

Segundo Facchi, essas motivações, no entanto, não reduzem o efeito político da Parada na promoção da diversidade e tolerância. "Mesmo a paquera, por exemplo, ou apenas a curiosidade de estar na parada ajudam a derrubar o preconceito. Esses jovens vão para saber como é e saem de lá se sentindo bem com todas as pessoas".

issuu-downloader.com

Alunos da Uniube promovem Responsabilidade Social

Dia D no Bairro Elza Amuí prestou atendimento a cerca de mil pessoas

Daiane Leal
7º período de Jornalismo
Mariana Provazzi
2º período de Jornalismo

Crianças correndo, dançando, brincando por toda a parte, enquanto os adultos recebiam orientações médicas e jurídicas, faziam tratamentos dentários e exames de glicose e pressão, tiravam CPF e Carteira de Identidade.

O dia da Responsabilidade Social, realizado pela Universidade de Uberaba, no dia 14 de novembro, na Escola Estadual Irmão Afonso, no Bairro Elza Amuí, foi movimentado.

Conhecido entre os universitários como Dia D, o evento começou ao som da Banda do 4º Batalhão da Polícia Militar e teve, em seguida, uma apresentação de capoeira.

> "Ver todas essas pessoas felizes nos motiva cada vez mais a querer cuidar do próximo

A participação de 171 alunos e professores dos cursos de Administração, Biomedicina, Comunicação Social, Direito, Educação Física, Enfermagem, Medicina Veterinária, Odontologia, Serviço Social e outros profissionais voluntários convidados pela instituição, possibilitou que 1.615 de pessoas da comunidade fossem atendidas.

A comunidade teve acesso a cuidados relativos ä imagem pessoal

Maria Selma Ferreira de Almeida Silva, moradora do bairro, aproveitou a oportunidade para tirar documentos, cuidar da estética e conferir a pressão arterial, enquanto os filhos brincavam com os universitários de Educação Física.

"Com a turma da Enfermagem, tive as orientações sobre drogas. Hoje em dia, principalmente em bairros de classe média baixa, é um assunto preocupante, por isso é necessário tentar evitar o sofrimento. Na família, tenho meu marido que é fumante e tem um caso de bebida. É muita tristeza", comenta dona Maria Selma.

Três alunas do 5º e 8º períodos de Enfermagem, orientadas pela professora Marciana Moll, se encarregaram das dicas aos pais para reconhecer quando o filho está usando drogas. "É importante que os pais fiquem atentos ao comportamento do filho, aceitem a realidade e busquem além de orientações, tratamentos mais adequados", ressalta Marciana

Fotos: Neusa Borges

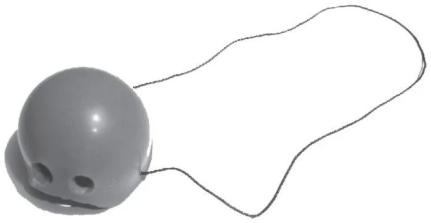
A criançada aprendeu sobre os animais e se divertiu com atividades fisicas

O curso de Turismo realizou um passeio com as crianças nos principais pontos turísticos da cidade. Lugares como o Parque Fernando Costa, ainda desconhecido por elas

"O Dia D deveria ser realizado pelo menos umas duas vezes por ano. Ver todas essas pessoas felizes nos motiva cada vez mais a querer cuidar do próximo, principalmente dos que têm uma condição de vida menos favorecida", diz o aluno do 2º período do curso de Educação Física, Deanslley Neves.

issuu-downloader.com

Jovens Camaradas D'alegria



Universitários se unem e divertem internos de instituições carentes de Uberaba

Matheus Barros

Hoje, 30 voluntários integram o projeto

Bruno da Costa
4º período de Jornalismo

É dia de festa na A.C.D (Associação e Crianças Deficientes). As velas dos bolos de aniversário somam juntas mais de 80 anos, porém a idade mental destes adultos ainda é de criança. Os aniversariantes, extremamente tímidos, preferem não dar entrevista e indicam o ator do grupo. Leonardo Dias de Vargas, que faz a performance do texto O Menestrel, de Willian Shakespeare. "Antes de vir estudar aqui, só ficava em escola de gente velha. A A.C.D não é assim. Aqui, posso me divertir e, muito, principalmente quando os Camaradas D'Alegria vêm fantasiados igual a mim", afirma Leonardo, vestido como arlequim. O Projeto Camaradas D'Alegria não é referência apenas para Leonardo. Criado há cerca de um ano, em Uberaba, atende instituições do terceiro setor utilizando a arte circense. "O que fazemos é promover um dia de diversão. Nós buscamos as instituições mais carentes: asilos, centros comunitários e ONGs. Abraçamos campanhas de cunho social também. Nos fantasiamos de palhaços e sempre levamos um lanche. Também arrecadamos roupas e alimentos para doação", esclarece a presidente dos Camaradas, Renata Degani, estudante de Letras na UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Os integrantes do grupo se inspiraram em movimentos como Projeto Vagalumes e Doutores da Alegria, iniciativas que auxiliam instituições a levar solidariedade e motivação por meio de atividades recreativas. "Ser voluntária é doar atenção e dedicação a um trabalho que ajuda o próximo. Acredito que, com pouco de cada pessoa, teríamos a capacidade de fazer um mundo melhor. Portanto, estou fazendo a minha parte", relata a estudante de Jornalismo da Uniube - Universidade de Uberaba, Agnes Maria.

Atualmente, os 30 voluntários mantêm as atividades com dedicação e dinheiro. Todos os domingos realizam encontros, quando preparam a pauta da semana. Ensaiam as peças teatrais, escolhem o figurino e elegem a instituição a ser visitada. "Eles já são muito importantes para todos na A.C.D.. As crianças e suas famílias gostam muito das visitas. De forma lúdica passam nossas mensagens pedagógicas. Antes das apresentações eles se reúnem conosco e trabalham artisticamente o tema educacional proposto naquele mês, o que reafirma o compromisso deles com a casa", enfatiza o diretor-técnico da ONG, Sérgio Henrique Marçal.

Os Camaradas ampliam suas ações. Atualmente estão realizando campanhas para a doação de sangue e de medula para o Hemocentro. Há ainda as visitas e arrecadação de donativos ao Lar da Caridade (Pênfigo) e ao Lar Idosa Dona Maria Inês de Jesus.

Conheça a A.C.D.

A Associação de Crianças Deficientes é uma organização não governamental, que recebe apoio do município. Hoje atende quase 35 integrantes. Pedagogia, Terapia Ocupacional, Psicologia, Fisioterapia, Odontologia e Fonoaudióloga são alguns dos serviços prestados pela associação, que está há vinte anos sobrevivendo de doações feitas por pessoas físicas e jurídicas. A ACD foi criada por mães de deficientes em 1989, com o objetivo nobre de cuidar de crianças com deficiências físicas e mentais.

Palavra de camarada

"Não é tão fácil como parece. Temos quase a obrigação de levar a alegria, até mesmo quando estamos tristes"

Victor Sousa França, estudante de Publicidade e Propaganda na Uniube

"No momento em que nos fantasiamos nos tornamos outras pessoas, por isso cada um tem um nome especial, por exemplo, o meu é Ponga, já o do Victor, é Cebola, nem me pergunte o motivo"

Karina Sousa, estudante de Engenharia Ambiental

issuu-downloader.com

Apesar das dificuldades, USC celebra ano de conquistas

Gullit Pacielle
4° período de Jornalismo

Neste ano, o Uberaba Sport Club (USC) disputou três competições oficiais. No primeiro semestre, competiu no Campeonato Mineiro do módulo I, promovido pela Federação Mineira de Futebol (FMF) e enfrentou de igual para igual o Cruzeiro, potência do futebol nacional. Na segunda metade do ano, participou do Campeonato Brasileiro da série D, mas seu maior feito foi vencer a Taça Minas Gerais após 20 anos.

Porém, a torcida Colorada esperava mais. Queria o acesso à série C do Campeonato Brasileiro e se desapontou com a desclassificação do time. Depois de dois jogos contra o Alecrim-RN, o USC não conseguiu o resultado.

No balanço geral, foram dez derrotas, oito vitórias e sete empates.

Como qualquer equipe de futebol do interior, o Zebu encontra dificuldades financeiras para formar uma boa equipe. "Fazer futebol é complicado e, com sucesso, mais ainda. Considero o ano muito bom. Não foi perfeito pelo não acesso no Brasileiro, mas dedicação e entrega dos jogadores e diretoria não faltaram", afirma o presidente do clube, Luiz Humberto Alves Borges.

Ao longo do ano, o USC contratou e dispensou jogadores.

"Muitas vezes usamos recursos do próprio bolso para não faltar estrutura para os atletas. Fazemos isso porque gostamos do Uberaba. Considero um ano de glória e daremos seqüência ao trabalho", declara o diretor de futebol do Colorado, Ernani Nogueira.

> "Muitas vezes usamos recursos do próprio bolso para não faltar estrutura para os atletas

Para a temporada 2010, o USC já anunciou sete jogadores e deve fazer mais contratações. O primeiro compromisso do time é no dia 24 de janeiro, contra o Ituiutaba. O jogo, na casa do adversário, é pelo Campeonato Mineiro – módulo I. O Colorado disputará também a Copa do Brasil e a Taça Minas Gerais.

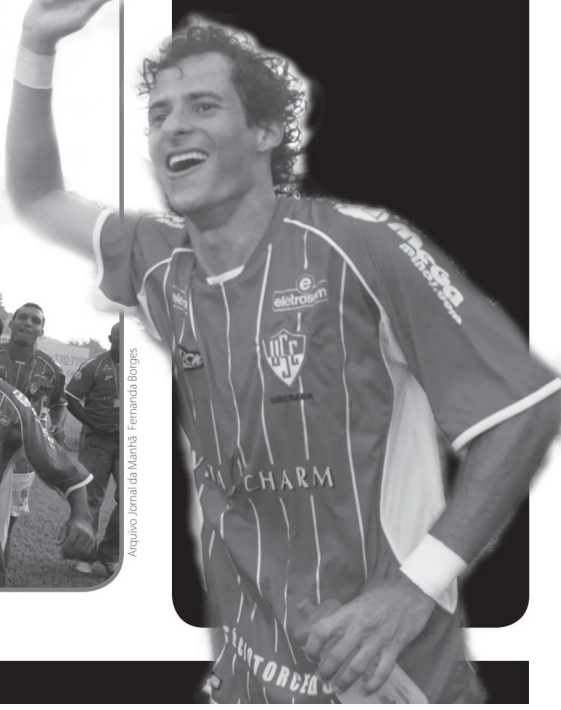
Arquivo Jornal da Manhã. Fernanda Borges

Colorado levou o título da Taça Minas Gerais

Ídolo

Revelado pelo Goiás, mas sem grandes chances na equipe goiana, o atacante Danilo veio escrever sua história no Colorado. Com a camisa do USC, o jogador anotou 19 gols, em 35 partidas, ganhando a condição de ídolo e o apelido de Príncipe Colorado.

"O amor que tenho pela cidade e pelo clube não tem explicação. O Goiás me revelou, mas foi aqui que consagrei e coloquei meu nome no cenário do futebol nacional", disse Danilo, que já seguiu viagem. Foi contratado pela equipe do Ipatinga, para tristeza do USC.



issuu-downloader.com

Adrenalina sem limites

Mesmo após grave acidente atleta continua ativo na sua paixão pelo esporte

Gabriela Borges
Helenaldo Tristão
4º período de Jornalismo

Perder o emprego, terminar um relacionamento, perder um ente querido. Acontecimentos que o tempo ameniza ou que se resolvem mais tarde. Mas e quando se perde o chão? Foi o que José Humberto Rodrigues, de 38 anos sentiu quando ouviu de um estabanado profissional da área da saúde: "Coitado! Esse não anda nunca mais."

"Não precisou da minha família, nem do médico me falar. Eu ouvi de um enfermeiro, quando pedi um remédio para dor, afirma José Humberto.

Ele era conhecido pelos "boleiros" como Batata, apelido de infância por ser menor que seu amigos da mesma idade, e como V8, por causa daquele motor possante de carro. A sua velocidade ao correr atrás da bola impressionava.

Batata começou cedo no meio esportivo. Passou por times amadores de futebol da cidade, como o Fabrício, Mogiana e o Bonsucesso. Foi campeão, vice e tri-campeão e artilheiro jogando pelo Fabrício no amador. Participou por dez anos desse campeonato e foi campeão industrial pela empresa que trabalhava.

José Humberto se esforça para ter sucesso em esportes como natação e arremesso de dardo

Mas a vida esportiva foi interrompida drasticamente. Ele conta que em um dia comum, exercendo a função de pedreiro numa indústria, estava em um andaime a aproximadamente quatro metros de altura, preso pelo cinto de segurança, quando uma gaiola suspensa a mais quatro metros acima dele se soltou e o atingiu no rosto. A face ficou desfigurada, mas o pior foi o trauma da coluna. Uma lesão causada pelo impacto do cinto de segurança. Após oito dias em coma induzido, José Humberto retomou a consciência e, apesar do trauma da face e das dores, ele acreditava que voltaria a andar. Tinha seus dois filhos e a esposa para animá-lo, porém ainda não foi possível realizar o sonho.

Ainda hoje, sente dores, toma remédios em doses fortíssimas, mas não abandonou o esporte. Batata é atleta da ADEFU (Associação dos Deficientes Físicos de Uberaba), lugar onde encontrou aconchego para melhorar sua qualidade de vida. Pessoas com histórias parecidas trocam informações e experiências. Ele explica que o convívio faz com que se sinta mais disposto para enfrentar essa nova etapa da vida.

José Humberto pratica basquete, lançamento de dardo, arremesso de peso e treina natação.

Em setembro deste ano, participou do seu primeiro campeonato brasileiro de arremesso de peso, realizado em Fortaleza/CE. Não obteve medalhas, mas ganhou experiência para as próximas competições. "Preciso treinar muito ainda. Tenho um ano e oito meses de lesionado e já estou participando do campeonato. Tem gente com muito mais tempo de lesão, ou seja, de treino", conta Batata.

Mesmo inconformado com a tragédia que o tirou dos campos de futebol, ele vai assistir aos jogos do campeonato amador realizados no campo perto de sua casa. "Agora já assisto tudo normal, mas no começo foi muito difícil", conta enxugando as lágrimas.

José Humberto pega seus troféus e medalhas ganhados antes e depois do acidente. O gesto mostra que o esporte consegue ultrapassar barreiras e recuperar a motivação para viver.

Helenaldo Tristão

issuu-downloader.com

Patriotas forçados pela lei

Hino Nacional será obrigatório nas escolas em 2010, mas os professores questionam a legislação e ponderam que o país precisa de mudar as bases da educação

Thiago Borges
4º período de Jornalismo

Você sabe cantar o Hino Nacional? Se não sabe e cursa do 1º ao 9º ano vai aprender. A partir de 2010, as escolas de Ensino Fundamental, públicas e privadas de todo o país, serão obrigadas a executar o hino uma vez por semana.

A lei, de autoria do deputado Lincoln Portela (PR-MG), foi sancionada dia 21 de setembro, pelo vice-presidente no exercício da Presidência, José Alencar.

O objetivo é fomentar as noções de patriotismo e civismo entre os jovens. A execução nos colégios municipais é obrigatória apenas em algumas cidades, como Rio e Curitiba. A lei também não prevê data e horário para a execução: ficará a critério dos estabelecimentos de ensino. O projeto não sugere punição a quem não cumprí-lo.

Professor do curso de Comunicação Sávio Gonçalves acredita que a sociedade precisa se reiventar

> "Falar de uma formação cívica é falar de cidadania. Não é com uma lei que obriga o jovem a cantar o hino que se alcançará isso

Para a professora de Música e supervisora pedagógica da Escola Estadual Professora Corina de Oliveira, Sheila Ottaiano, apenas tocar o hino nas escolas não é o bastante. Com a ajuda de outros educadores, a escola Corina fará um estudo com os alunos, desvendando desde a criação da letra até a sua importância. "Desenvolveremos todo um trabalho de aculturação com estes jovens, para tirar todos os medos e receios de cantar um hino com tantas palavras desconhecidas para a maioria dos adolescentes" explica Sheila.

Segundo o filósofo e professor do curso de Comunicação da Uniube, SávioGonçalvesdosSantos, a lei sobre o Hino Nacional deve ser observada com critério. Conforme o especialista, é preciso analisar se ela é, de fato, eficiente na manutenção do patriotismo. "Tentar gerar patriotas sem que esses o sejam, é dar um tiro pela culatra".

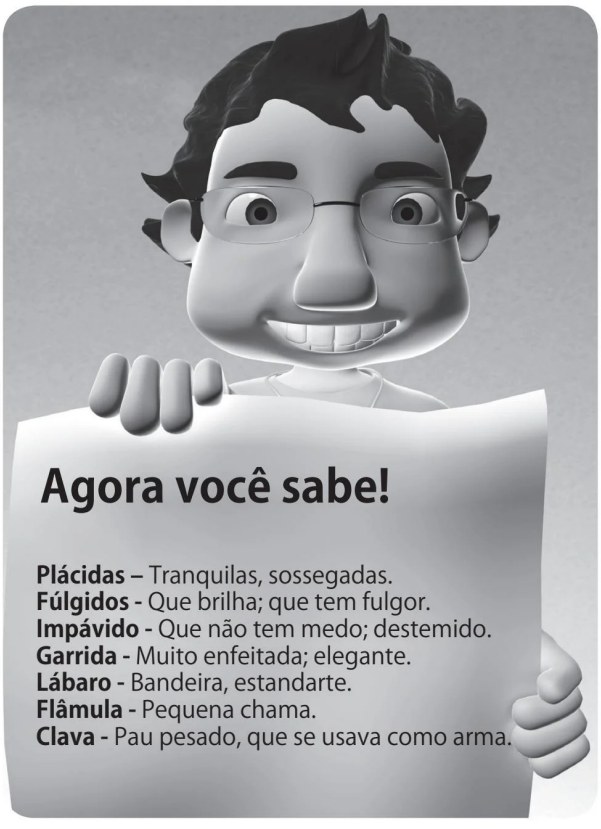
Ele pondera a necessidade que antecede a obrigação de se entoar o hino em todas as escolas e frisa a carência de leis no país que fomentem a luta pela justiça social, pela dignidade humana, pelos direitos das classes oprimidas, enfim, urgências anteriores a este decreto. "Falar de uma formação cívica é falar de cidadania. Não é com uma lei que obriga o jovem a cantar o hino que se alcançará isso. É preciso mudar as bases, a educação básica, a formação ética inicial, enfim, a sociedade precisa se reinventar".

Hino velho, Hino novo

Quem pensa que o Hino Nacional surgiu por motivo da Proclamação da República, está enganado. Esta música que cantarolamos em todo jogo da Copa do Mundo, final de campeonato, cerimônia e etc já era cantado e tocado por bandas há muitos anos.

Quando houve a Proclamação, o governo organizou um concurso para eleger um hino para o país. A música que ganhou este concurso não era realmente a preferida do público, pois eles gritavam "queremos o velho, queremos o velho hino". O próprio proclamador da república dizia que gostava do antigo.

"Vale mostrar um pouco mais da história do nosso país para estes jovens. Quem sabe não teremos uma geração mais respeitosa com o outro, com o bem público e com o país em geral", finaliza a professora Sheila Ottaiano.



issuu-downloader.com

Papai Noel verde-amarelo

Tradições norte americanas são seguidas no país tropical, sem questionamento

Gabriela Borges
4º período de Jornalismo

Quando pensamos em Natal, é inevitável. A figura do Papai Noel nos vem à cabeça. O bom velhinho, barrigudo, de barbas brancas e roupa de inverno de cor vermelha é o símbolo do mês de dezembro. No entanto, pouca gente sabe as dificuldades que estes personagens enfrentam para se caracterizar nesta data festiva.

O fator que mais incomoda é o calor. "Tem dia que faz 35 graus e eu nessa roupa, quase passo mal", conta Ewaldo Anésio dos Reis, que se fantasia de Papai Noel quase todos os anos para atrair clientes em uma loja de variedades. Esse calor é perceptível. Enquanto conversávamos, o suor descia da carapuça em direção às costeletas. "Faço isso pra aumentar a renda. Final de ano é muita conta a pagar", justifica Ewaldo.Seria diferente se o Brasil estivesse localizado no hemisfério Norte, se, em vez de quase 40 graus marcados no termômetro, as calçadas, ruas, telhados ficassem cobertas pela tradicional neve.

Segundo a historiadora Janice Oliveira, a origem do Papai Noel - nos Estados Unidos chamado Santa Clauss - surgiu da associação de São Nicholau, um monge turco que viveu durante o século IV. A tradição conta que este clérigo teria ajudado uma jovem a não ser vendida pelo pai, jogando uma bolsa de moedas de ouro para pagar o dote de casamento. Ele teria atirado o dinheiro pela janela, mas toda quantia caiu dentro de uma meia que estava para secar na chaminé.

> "Tem dia que faz 35 graus e eu, nessa roupa, quase passo mal

A atual imagem do bom velhinho surgiu de uma campanha publicitária

A partir dessa imagem de generosidade, cinco séculos depois, Nicholau foi reconhecido como Santo. A comemoração em louvor a seu dia acontece em 6 de dezembro. Nessa data, crianças aguardavam ansiosas para receber presentes distribuídos por um homem velho que usava trajes de um bispo.

No entanto, a imagem do Papai Noel que temos hoje apresenta mais influências comerciais. Conforme o site História do Mundo, em 1931, Haddon Sundblom, contratado pela empresa de refrigerantes Coca-Cola, bolou o padrão rubro das vestimentas do bom velhinho.

Com passar do tempo, a popularização das campanhas publicitárias da marca acabaram aderindo ao padrão, ignorando o fato de que nem todo país possui baixas temperaturas no Natal e que as casas raramente possuem chaminés para o velhinho entrar.

Fique por dentro

- A tradição de trocar presentes já existia no século VIII antes de Cristo. Era hábito oferecer raminhos de oliveira.
- Celebrada à meia-noite, a missa do galo assinala o nascimento de Cristo, na noite de 24 para 25 de dezembro. Teria começado a ser celebrada no século V. Seu nome deve-se ao fato de ter sido nessa noite a única vez que um galo cantou à meia-noite.
- A estrela que teria guiado os três Reis Magos até ao estábulo, onde nasceu Jesus, ficou considerada como protetora e representante da felicidade do lar.
- Os romanos acendiam velas durante o solstício de inverno para terem luz e calor. Simbolizam, para os católicos, a luz de Cristo. Representam o fogo purificador, a esperança.

portfólio
Agência Experimental de Comunicação
O campus das idéias!
UNIUBE

issuu-downloader.com